Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Narrativas de subjetividade, jornalismo e midiatização[1]

Narratives of subjectivity, journalism and mediatizationy

Demétrio de Azeredo Soster[1]

Resumo: Observa-se, no artigo, o que chamamos de midiatização das narrativas jornalísticas de subjetividade. Partimos do pressuposto que estes modelos de narrativa são afetados pela processualidade da midiatização, midiatizando-se, quando se transformam em fenômenos midiáticos. Narrativas jornalísticas são aqui compreendidas como modelos narrativos que têm, no singular, sua categoria estruturante e que relatam seus enunciados em um suceder temporal, encaminhados para um desfecho, sendo marcados, neste movimento, pela sucessão de estados de transformação (LEAL, 2022; REIS, 2018; MOTTA, 2013; LOPES, REIS, 1988). As narrativas jornalísticas serão consideradas "de subjetividade", com Moraes (2022), quando tensionam cânones jornalísticos seculares, tais como critérios de noticiabilidade e valores-notícia; quando têm postura ativista e quando estão assentadas em bases objetivas mais amplas, tais como posição de classe, gênero, estrutura social, entre outros. Mas, também, quando olham para lugares pouco observados pelo jornalismo, caso das inquietações, frustrações, alegrias, angústias e sentimentos. Denominamos, com Verón (2013), os sentidos que emergem destes movimentos de semioses jornalísticas.

Palavras-chave: Midiatização, Narrativas, Subjetividade, Jornalismo, Sentidos

[1] Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Abstract: In the article, what we call the mediatization of journalistic narratives of subjectivity is observed. We assume that these narrative models are affected by the process of mediatization, becoming mediatized when they become media phenomena. Journalistic narratives are understood here as narrative models that have, in the singular, their structuring category and that report their statements in a temporal sequence, directed towards an outcome, being marked, in this movement, by the succession of states of transformation (LEAL, 2022; REIS , 2018; MOTTA, 2013; LOPES, REIS, 1988). Journalistic narratives will be considered "subjective", with Moraes (2022), when they tension secular journalistic canons, such as newsworthiness criteria and news values; when they have an activist stance and when they are based on broader objective bases, such as class position, gender, social structure, among others. But, also, when they look at places little observed by journalism, such as concerns, frustrations, joys, anxieties and feelings. With Verón (2013), we call the meanings that emerge from these movements journalistic semiosis.

Keywords: Mediatization, Narratives, Subjectivity, Journalism, Senses

1 Sobre o lugar de onde falamos

Começamos afirmando que este artigo se integra a um esforço de pesquisa assentado em um axioma desenvolvido ainda no estágio de doutoramento, segundo o qual os dispositivos responsáveis pela midiatização são afetados pela processualidade desta, midiatizando-se, reconfigurando-se. Neste caso, no entanto, parte-se do pressuposto de que a processualidade da midiatização afeta as narrativas jornalísticas de subjetividade, midiatizando-as. Importante registrar que a preocupação com este tema recebeu esta delimitação – a midiatização das narrativas jornalísticas de subjetividade –

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

durante atividade laboratorial desenvolvida no curso de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e tem sido tensionada em eventos e seminários acadêmicos. Esta versão é atualizada pelas discussões ocorridas durante o GT Práticas de Jornalismo, integrante do VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, Dito isso, passemos aos necessários fechamentos conceituais.

Narrativas jornalísticas são aqui compreendidas como modelos narrativos que têm no singular sua categoria estruturante, e que relatam seus enunciados em um suceder temporal, encaminhados para um desfecho, sendo marcados, neste movimento, pela sucessão de estados de transformação (REIS, 2023; LEAL, 2022; MOTTA, 2013;). As narrativas jornalísticas são consideradas "de subjetividade", segundo Moraes (2022), quando a) subvertem valores-notícia e critérios de objetividade, b) abrem espaço para novas (ou sufocadas) representações — minorias, segregados, esquecidos, enfermos etc. —, c) se assumem ativistas, d) representam um jornalismo mais "íntegro" e mais "integral" — ser mais íntegro é ser mais digno de respeito; mais integral, mais interessante, mais repleto de informações, mais "nutritivo" —, e, finalmente, e) se debruçam sobre outros critérios de objetividade — posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais; estrutura social. Mas, também, quando elevam "subjetividades", caso das lágrimas, sorrisos e sentimentos dos entrevistados, à condição de informação jornalística.

Partimos do pressuposto que estes modelos de narrativa, que chamaremos doravante de narrativas jornalísticas de subjetividade, são afetados pela processualidade da midiatização, midiatizando-se, quando se transformam em fenômenos midiáticos. Sabemos, a partir de Verón (2013), que, para uma narrativa jornalística de subjetividade se tornar um fenômeno midiático, são necessárias três condições: ser dotada de 1) autonomia, 2) persistência e, finalmente, 3) historicidade. Ela terá autonomia quando se desprender dos processos de enunciação, o que se tornará possível quando for capturada por um dispositivo tecnológico (gravador, câmera fotográfica, papel etc.). Em tendo autonomia, passa a ter, também, persistência, ou seja, duração no tempo, o que permite que estabeleça relações e provoque, neste movimento, transformações, gerando

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

historicidade. Por historicidade, vamos compreender as transformações de estado que ocorrem nestas condições processuais a partir do momento em que as referidas narrativas são acessadas por alguém.

É o que ocorreu, a título de ilustração, quando a jornalista Fabiana Moraes escreveu, ainda em 2011, para o Jornal do Commercio (Imagem 1), de Pernambuco, uma série de reportagens intituladas "O nascimento de Joicy[2]", que, mais tarde, se transformaria em livro, homônimo. Trata-se, a reportagem, da cobertura que Moraes realizou, ao lado dos fotógrafos Rodrigo Lobo e Hélia Scheppa, durante cinco meses, do processo de transformação do agricultor João Batista Melo da Silva, de 51 anos, em Joicy, às 12h30 do dia 22 de novembro de 2010, no Hospital das Clínicas, na Cidade Universitária, Recife, após uma cirurgia de mudança de sexo.

IMAGEM 1: Reportagem especial



Fonte: Internet

O que a jornalista e os fotógrafos fizeram, ao longo do tempo que durou a cobertura, foi registrar, em dispositivos, como bloco de anotações, gravadores e câmeras fotográficas, informações e imagens de toda a natureza, dotando-os de autonomia. Eles

[2] Disponível em: [https://www.academia.edu/43954361/O_Nascimento_de_Joicy_Reportagem_Especial]. Acesso em: 14 de março de 2023.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

passaram a ter persistência — existir fisicamente no tempo — a partir do momento em que foram publicados nas páginas do Jornal do Commercio, transformando-se, assim, em fenômenos midiáticos, o que lhes emprestou historicidade à medida que as informações eram lidas.

Seguindo o raciocínio, podemos afirmar que, quando uma narrativa se transforma em fenômeno midiático, caso da história de Joicy, estabelece as bases para a midiatização; ou seja, para a materialização, e circulação, por meio do uso de dispositivos técnicos, dos sentidos produzidos pelas cadeias de semiose envolvidas no processo. Até aqui, nenhuma grande novidade: toda comunicação humana, sabemos, é mediada por uma tecnologia, seja biológica (a língua, as cordas vocais etc.) ou maquínica (gravadores, máquinas fotográficas etc.).

O que muda, considerando a presença de dispositivos técnicos neste processo — as páginas de um jornal, por exemplo — é a escala por meio da qual isso ocorre; neste caso, em bases mais amplas que a comunicação face a face, e com maior potencial transformador, pensando-se na perspectiva espaço temporal. Ainda no caso da reportagem "O nascimento de Joicy", uma vez tendo se transformado em fenômeno midiático, passou a gerar historicidade à medida que circulava e era lida, provocando transformações e sendo transformado neste movimento, em decorrência da processualidade da midiatização. O livro "O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagens" (Arquipélago, 2015), de Fabiana Moraes, igualmente, é a face mais visível desse movimento.

Observar o processo de transformação do nascimento de Joicy em fenômeno midiático é importante porque nos remete à inquietação inicial, ou seja, à necessidade de compreendermos como a processualidade da midiatização afeta as narrativas de subjetividade, midiatizando-as. Se, no caso da reportagem publicada no Jornal do Commercio, nos deparamos com uma narrativa referencial, na qual a transformação de um homem em mulher é o foco principal, o que temos, no livro, é a emergência de um modelo de jornalismo distinto daquele tributário do paradigma da objetividade. Ou seja,

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

um jornalismo que traz, consigo, em essência, questões secularmente negligenciadas pela profissão, caso da subjetividade:

> É preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo da notícia cotidiana. Nele, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da "rede técnica" dessa área do conhecimento. Assume-se que não é possível dominar o mundo exterior — e o outro — em sua totalidade (independentemente de estarmos lidando com um "fato", "fenômeno" ou "acontecimento"), mas que devemos, antes, incorporá-lo, dentro de nossas limitações, às práticas jornalísticas. (MORAES, 2015, p. 159).

Outro exemplo do que estamos afirmando é o trabalho que a jornalista Eliane Brum desenvolve desde 2006, pelo menos, quando publicou seu livro de estreia "A vida que ninguém vê" (Arquipélago, 2006), e mais tarde, com "O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real" (Globo, 2011), dentre outros títulos. Nos dois casos, e cada um a seu modo, Eliane Brum trata de transformar histórias de vida de pessoas desconhecidas em fenômenos midiáticos pelo viés do jornalismo de subjetividade, inicialmente como repórter do jornal Zero Hora; depois, da revista Época.

No caso de "A vida que ninguém vê", por exemplo, a jornalista reuniu, e publicou, em coluna homônima, durante 11 meses, no formato de crônica, o perfil de 46 pessoas comuns em situações corriqueiras. A ideia, como o título sugere, era oferecer aos leitores de Zero Hora algo além de notícias, fortalecendo, dessa forma, por meio de valores como empatia e alteridade, vínculos diferenciados entre a publicação e seu público-alvo. É o jornalista Marcelo Rech, no prefácio, quem explica a relevância dessa escolha:

> Fenômeno de percepção jornalística, Eliane iluminou um mundo recluso, obscurecido pela emergência da notícia, ou pela máxima de que, em jornalismo, a história só existe quando é o homem quem morde o cachorro. A série provou o contrário. Ao extrair reportagens antológicas de onde outros só enxergariam a mesmice, Eliane deu a zés e marias do Sul do Brasil a envergadura de personagens de

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

> literatura tolstoiana e reverteu um dos mais arraigados dogmas da imprensa. (2006, p. 14).

Dessa forma, ilustres desconhecidos, como Oscar Kulemkamp, "O colecionador de almas sobradas"; Jorge Luiz Santos de Oliveira, "O homem que come vidro", e Alverindo, "O sapo", se tornam personagens de jornal, em um primeiro momento, e, mais tarde, das páginas de um livro. Entre um momento e outro, suas histórias se desprendem de seus narradores, ganhando autonomia, e permanecem no tempo sob a forma de palavras impressas em folhas de jornal e livro, gerando historicidade. Ou seja, se midiatizam, transformando e sendo transformadas nesse movimento.

É no livro "O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real" (Globo, 2011), no entanto, que podemos observar, de forma mais clara, a processualidade da midiatização reconfigurando os relatos da jornalista Eliane Brum. Agora trabalhando na revista Época, de São Paulo, Eliane reúne, no livro, dez dentre as suas principais reportagens publicadas quando era repórter do semanário. O foco são personagens que usualmente não frequentam as páginas da imprensa — parteiras, moradores de asilo, favelados etc. —, salvo em momentos como crimes, tragédias e outros, ainda que em uma dimensão maior (a revista Época é de circulação nacional; o jornal Zero Hora, regional, restrito ao Sul do Brasil).

A abordagem é a mesma, ou seja, subjetiva: importa, antes, o que os personagens pensam e sentem do que acontecimentos em torno de si, caso deste excerto do capítulo "A casa de velhos":

> Solitário é Vicente, tão necessitado de companhia que de todos se afasta. Doce Vicente, que aos 97 anos ainda se ilude que é azedo. "Eu sou um sujeito metido a besta. Me sinto melhor que os outros mesmo sabendo que é um preconceito burro. E por isso me isolo", confidencia. (2008, p. 97).

No livro, e diferentemente do que ocorreu com a revista, a jornalista Eliane Brum publica, ao final de cada capítulo, uma espécie de crítica ao próprio trabalho, questionando as escolhas que fez, suas decisões, pontos de vista etc. Após o "A casa de

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

velhos", por exemplo, e sob o título "Na minha mala de mão, um pedido de desculpas", ela confessa, já no primeiro parágrafo, que:

> "A vida inteira espremida numa mala de mão" é minha frase preferida entre todas as que escrevi nesta vida de jornalista. É uma imagem simples — e exata. Ela contém a reportagem, inteira, resume uma história que precisou de quase 10 mil palavras para ser contada. Essa frase espreme vinte anos de reportagem em uma mala de mão. Mas também um pouco mais: um pedido de desculpas. A Casa dos Velhos é uma de minhas reportagens preferidas — e é a que mais me dói. Ainda hoje ela dói muito. Porque errei feio. (2008, p. 124).

Qual foi, afinal, seu erro? Basicamente, publicar intimidades; detalhes da vida dos entrevistados, situações que não conheceríamos se Eliane Brum não as houvesse nos contado nas páginas do livro, e que tanto dissabor provocaram a ela e aos personagens de sua reportagem. Se não as tivesse transformado em fenômenos midiáticos, portanto. Sob outro ângulo, se, de um lado, se trata de uma espécie de *mea culpa* da jornalista, um pedido de desculpas; podemos interpretar, também, esta estratégia discursiva, e aqui no diálogo com Fausto Neto (2006), como a oferta de "um novo padrão de confiança" entre a mídia (revistas, livros etc.) e seus leitores, um dos reflexos da afetação da midiatização sobre as narrativas jornalísticas:

> Gerar tais mecanismos de confiança implica operações de sentidos que são constituídas e atravessadas por materialidades, no caso dos textos, que a seu turno se organizam numa situação comunicativa nos cenários midiáticos, à instância que faz vínculo entre produção e recepção. Os textos, em sua corporeidade, convertem os personagens-produtores dos discursos jornalísticos em tríplices sujeitos: atores-testemunhas-protagonistas, uma vez que são instituídos como referências que tratam de transformar as rotinas produtivas de "sistemas abstratos" em sistemas pedagogicamente constituídos em uma corporeidade própria. (2006, p. 49).

Sigamos em frente, agora tentando compreender o que significam, em essência, essas reconfigurações narrativas a que estamos nos referindo.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

2 Comunicação narrativa

Uma estratégia possível para pensarmos como a midiatização afeta as narrativas de subjetividade, midiatizando-as, é abordar a perspectiva pelo viés das reconfigurações narrativas, em particular da comunicação narrativa. Dito de outra forma, por meio de uma visada estrutural na esfera da produção[3]; estrutura aqui pensada como índice da existência de camadas mais profundas de significação, que considere, por exemplo, nos modelos narrativos ditos "de subjetividade", o lugar ocupado pelos narradores — entidades responsáveis por uma situação ou atitude narrativa, e suas vozes, o que requer fechamento conceitual:

> A definição do conceito de voz pode situar-se em dois planos. Numa acepção lata, fala-se em voz do narrador a propósito de toda manifestação de sua presença observável no nível do enunciado narrativo. (...) O conceito de voz pode ser definido também de uma forma mais restrita. Ele integra-se, então, na sistematização das categorias do discurso da narrativa proposta por Genette, inspirando-se nas categorias de gramática do verbo. Assim, tempo, modo e voz correspondem a domínios fundamentais de constituição do discurso narrativo, domínios estes internamente preenchidos por específicos procedimentos de elaboração técnico-narrativa (...). (Reis, Lopes, 1988, p. 140-141).

Temos defendido, em nossas reflexões (Soster, 2018, 2019-a, 2019-b, 2022-a, 2022-b), que, para compreendermos, em essência, quem são os narradores e suas vozes, precisamos ter uma visada a uma visada cartográfica a um tempo tipológica e topológica. Com Prado Filho e Teti (2013), mas também com Passos, Kastrup e Escóssia (2009), vamos aprender que se trata, a abordagem cartográfica, de uma técnica de pesquisa que nos permite, a um tempo, a compreensão tanto espacial quanto temporal do fenômeno. Sendo assim, e considerando a perspectiva tipológica, vamos

[3] A comunicação narrativa é um ato de enunciação, portanto da ordem da produção, na categorização de Verón (2013), cujos sujeitos, explicam Reis e Lopes (1988), recorrem a signos e códigos capazes de configurarem estratégias narrativas, o que implica tanto competência quanto voz narrativa.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

encontrar, a partir de Benjamin (2012), Santiago (2022) e Soster (2018, 2019-a, 2019-b, 2022-a, 2022-b), três modelos narrativos, abaixo descritos de forma suscinta por economia de espaço:

a) NARRADOR MODERNO. Narrador tradicional. Traz, consigo, a noção de moral ligada ao autoconhecimento e à transcendência.

b) NARRADOR PÓS-MODERNO. É o narrador distante, que narra da plateia; acima de tudo, que narra sem ser atuante.

c) NARRADOR MIDIATIZADO. Ora transcendente, ora distante, trata-se da soma dos narradores anteriores. Existe relacionalmente no diálogo com dispositivos tecnológicos, por isso dizemos que é "midiatizado".

Sob outro ângulo, e do ponto de vista topológico, ou seja, do lugar ocupado pelos narradores e suas vozes na comunicação narrativa, são em número de quatro os extratos narrativos: neste sentido, 1º, 2º, 3º e 4º narradores se referem ao "lugar" situacional em que se encontram na discursividade midiática. No caso dos 1º, 2º e 3º narradores, no âmbito da processualidade interna dos dispositivos; em se tratando do 4º narrador, no sistema em que estes dispositivos se encontram. Partindo-se na visada topológica, inicialmente com Genette (1988), na literatura, e depois com Motta (2013), no jornalismo, vamos encontrar os três primeiros níveis narrativos projetados da seguinte forma (Gráfico 1):

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

GRÁFICO 1: Níveis narrativos



FONTE: elaboração do autor

O **primeiro narrador**, que é extradiegético, se encontra "fora" da história; no caso do jornalismo, corresponde à organização que viabiliza operacionalmente o dispositivo; pensado pela literatura, à editora, por exemplo, que dá forma à obra. Já o **segundo narrador** é intradiegético, ou seja, está dentro da história. Corresponde, no jornalismo, ao corpo organizacional — editores, subeditores, repórteres etc. e suas escolhas; na literatura, ao escritor propriamente dito. O **terceiro narrador**, ainda por Genette (1988) e Motta (2013), são as fontes (jornalismo) e os personagens (literatura) que frequentam as publicações jornalísticas e literárias.

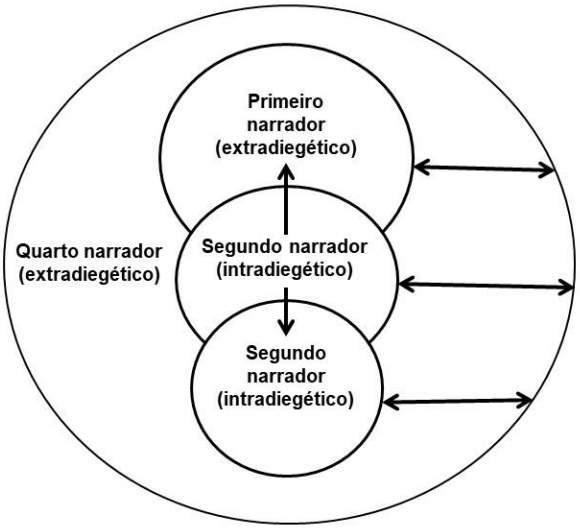
Com Soster (2019-a, 2019-b, 2022-a, 2022-b), vamos identificar um quarto extrato narrativo, ou **quarto narrador**, agora de natureza sistêmica e preso, antes, a uma processualidade que a um lugar situacional. Dito de outra forma, localizado, antes, no sistema do que no âmbito do dispositivo. Esse narrador, multifacetado e plurivocal, se personifica, em determinadas situações de enunciação, no âmbito do sistema em que se insere; em nosso caso, jornalístico-comunicacional:

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

> Pensar o sistema como um quarto narrador, extradiegético, implica, ainda, em observá-lo como enunciador, ou seja, detentor de uma voz narrativa. A emissão, neste caso, não se dá de forma direta, a exemplo do que ocorre com o segundo narrador, por exemplo, mas por uma simbiose muito sutil que permite, ao fim e ao cabo, identificarmos o sistema como tal. Tem a ver com marcas, símbolos, gramáticas, regras, estatutos, normas operacionais etc., em uma perspectiva simbiótica. (Soster, 2015-b, p. 9).

O grafismo abaixo (Gráfico 2), com suas limitações, ilustra o que estamos afirmando.

GRÁFICO 2: o quarto narrador



Fonte: elaboração do autor

Não nos ateremos em demasia nesta digressão, por fugir do escopo de nossa preocupação central. Mais importante é observar que a processualidade da midiatização, neste contexto, provoca duas transformações significativas. A primeira delas está representada no grafismo acima e diz respeito, topologicamente, à transformação do

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

sistema comunicacional, no que ele tem de jornalístico, em extrato narrativo; detentor, portanto, de voz narrativa. A segunda transformação se refere à processualidade do dispositivo no âmbito do primeiro, segundo e terceiro narradores e está estreitamente relacionada à temporalidade do dispositivo, conforme defendemos em outro momento (Soster, 2015-a e 2015-b).

É dizer, em palavras mais simples, que, em determinados dispositivos — livros, revistas e reportagens mais elaboradas, de periodicidade semanal ou mensal —, observamos, nestas condições de circulação, uma reconfiguração das vozes narrativas. Nestes casos, o **segundo narrador** parece assumir protagonismo em relação ao primeiro e terceiro narradores, conforme ilustra o grafismo abaixo (Gráfico 3):

GRÁFICO 3: reconfiguração de vozes



FONTE: elaboração dos autores

Dito de outro modo, é dizer que o segundo narrador parece possuir, nestas condições, autonomia para interferir em instâncias como escolha da capa, título, angulação etc., o que só pode ser pensado a partir de seu realocamento discursivo.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

3 Narrativas de subjetividade midiatizadas

Partindo do ponto anterior, analisaremos, agora, de forma qualitativa, nos moldes de Demo (2000), a partir de critérios tipológicos (a natureza do narrador) e topológicos (o lugar que ocupa na topografia da discursividade midiática), alguns exemplos do que consideramos narrativas de subjetividade midiatizadas. Partimos do pressuposto de que os narradores, nesses modelos, são midiatizados, ou seja, como dito, existem relacionalmente no diálogo com dispositivos tecnológicos. Mas, também, que sua voz narrativa se reconfigura nessa condição, decorrência da processualidade da midiatização.

É o caso da reportagem multimídia "Sozinhas[4]", assinada pela repórter Ângela Bastos e pelo fotógrafo Felipe Carneiro, ambos do jornal Diário Catarinense, de Florianópolis, Santa Catarina, região Sul do Brasil. Trata-se, o esforço de reportagem, de uma tentativa que os jornalistas realizaram para contar, de forma multimidia, a história das mulheres do campo que são vítimas da violência. Por meio das pistas discursivas deixadas ao longo do texto, ficamos sabendo, desde as primeiras palavras, que o narrador é midiatizado, ou seja, é, a um tempo, moderno e pós-moderno; para ser compreendido, é preciso que seja pensado relacionalmente: um olho no texto, outro na ambiência em que a narrativa se insere.

É o que observamos neste excerto: "Para mostrar esta realidade nebulosa, é preciso deixar o asfalto; enveredar por estradas de chão; avistar plantações; abrir e fechar porteiras. É o que fizemos para, em formato multimidia, compor 'Sozinhas: a história de mulheres que sofrem violência no campo'". Ou seja, o narrador se preocupa, evidentemente, em narrar sua vivência — "é o que fizemos", afirma, fazendo-o de

[4] Disponível em: [https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/violencia_contra_mulheres_do_campo/fenomeno-invisivel.html]. Acesso em: 24 de abril de 2023.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

forma reflexiva, buscando denunciar algo que considera moralmente discutível: a violência contra a mulher.

IMAGEM 2: Sozinhas



FONTE: https://www.clicrbs.com.br/sites

Mas, também, se mostra distante, como um ente que tudo sabe, tudo vê; que conhece, e muito bem, o caminho a ser seguido: "(...) é preciso deixar o asfalto; enveredar por estradas de chão; avistar plantações; abrir e fechar porteiras". A transformação dos sentidos em fenômeno midiático, que lhe garante a condição de midiatizado, pode ser percebida quando nos diz, textualmente, do dispositivo que se valerá nesta empreitada — neste caso, de natureza "multimidia", para dar conta de seu relato.

Para além disso, podemos observar, na narrativa, uma postura ativista, que considera o outro; onde a fonte não é apenas um dado, ou uma estatística, e o repórter toma posição, algo próprio das narrativas de subjetividade (os grifos são nossos):

> Em 2016, das 2.554 ligações originadas de Santa Catarina para o Disque Denúncia (180), cerca de 7% (184) saíram da área rural. Uma **estatística desalentadora**, levando-se em conta as distâncias, a dificuldade de comunicação, o isolamento e a falta de estrutura para abrigar e proteger as campesinas. Se algumas denunciam, para outras, não houve tempo — ou providências adequadas —, como as sete mulheres assassinadas entre janeiro e maio deste ano na região do Oeste. (...) '**Sozinhas' dá espaço a essas narrativas**, **traz números, ouve pesquisadoras e lideranças acerca do que se passa num campo nem tão bucólico como se imagina**. Especialmente, dessa

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

> **violência escondida** sob um véu sombrio como a cerração, que deixa invisível a paisagem[5].

Outro exemplo do que estamos chamando de midiatização das narrativas de subjetividade é a reportagem "Sem gás - com falta de renda, moradores usam lenha para cozinhar em favelas da Grande SP"[6], veiculada na Agência Mural em abril de 2021 e assinada por Ana Beatriz Felicio e Lucas Veloso, com fotos de Léu Britto.

IMAGEM 3: Agência Mural



Fonte: https://www.agenciamural.org.br

Observe-se que, nela, o narrador se preocupa, desde o início, em denunciar, por meio de texto, ilustração e fotos, as mazelas de quem não tem dinheiro para comprar gás de cozinha, e, por isso, opta por usar madeira velha.

> Também em chão de terra, Rose da Silva, 48, usa uma antiga lata de tinta como suporte improvisado para cozinhar a lenha. A costureira, desempregada há anos, tem quatro filhos entre 2 e 12 anos. Nos últimos meses, está impossibilitada de comprar gás, o que a fez improvisar um fogão para a comida das crianças. "Não está dando para comprar o botijão. Tomo remédio, minha cabeça não está boa também", relata. Para cozinhar sem gás, Rose diz demorar de 4 a 5

[5] Disponível em: [https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/violencia_contra_mulheres_do_campo/fenomeno-invisivel.html]. Acesso em: 24 de abril de 2023.

[6] Disponível em: [https://www.agenciamural.org.br/especiais/com-falta-de-renda-moradores-usam-lenha-para-cozinhar-em-favelas-da-grande-sp/]. Acesso em: 24 de abril de 2023.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

> horas, a depender do alimento. Em dias de chuva, o cenário é pior, pois o fogão improvisado leva mais minutos para esquentar.[7]

Ele é midiatizado, já o dissemos, porque transforma percepções, subjetividades, em fenômenos midiáticos, mas, também, porque se assenta em valores e critérios outros que não os usualmente encontrados nas publicações convencionais. Dito de outra forma, porque se vale de um dispositivo inscrito na discursividade midiática, portanto propenso a atravessamentos e interposições, para destacar valores como a dignidade humana, ou mesmo a falta dela, em detrimento dos números, dos dados e das estatísticas.

Igualmente marcante, dentro do que estamos analisando, ou seja, a midiatização das narrativas de subjetividade, é a reportagem "Cova Medida[8]", produzida pela Agência Brasil[9]. Trata-se da cobertura, durante seis meses, de 31 assassinatos ocorridos por questões ligadas à disputa por terras no primeiro ano do governo Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil.

IMAGEM 4: Agência Brasil



Fonte: https://agenciabrasil.ebc.com.br/

Trata-se, desde o expediente, de um esforço muito significativo não apenas para compreender, mas, principalmente, para denunciar a violência no campo em regiões como Mato Grosso, Maranhão e Pará. Antes mesmo de apresentar quem são os

[7] Disponível em: [https://www.agenciamural.org.br/especiais/com-falta-de-renda-moradores-usam-lenha-para-cozinhar-em-favelas-da-grande-sp/]. Acesso em: 24 de abril de 2023.
[8] Disponível em: [https://reporterbrasil.org.br/covamedida/]. Acesso em: 18 de maio de 2023.
[9] Site: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/].

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

responsáveis pela reportagem, como usualmente ocorre em expedientes de dispositivos jornalísticos, um texto se utiliza, de forma categórica, de expressões como "tirar do silêncio", "sensibilizar" e "forças desiguais" para abordar as questões. Há, uma vez mais, do ponto de vista narrativo, tanto uma preocupação moral para com a questão da violência como uma tentativa de compreendê-la em essência, demonstrando, no caminho, que conhece tudo, que sabe de tudo, o que exige con mais largas, por isso afirmamos que se trata de um narrador midiatizado.

É o que observamos, por exemplo, na história de Elizeu, uma das vítimas da violência, cuja narrativa se divide, desde a abertura, entre subjetividades (memórias, sentimentos etc.), até informações que nos permitam compreender contextualmente o cenário em que ele perdeu sua vida, como se pode observar no excerto abaixo:

> Semanas antes do assassinato de seu filho, Maria Ferreira de Jesus teve sonhos aterradores: em um deles, homens armados perseguiam Elizeu; em outro, chegou a ver o seu velório. Ela andava preocupada, pedia para seu filho mais novo, Enock, não deixar Elizeu sozinho. A preocupação não foi suficiente para proteger seu primogênito da violência dos conflitos fundiários em Colniza, no Mato Grosso, que foi considerada, em 2007, a cidade mais violenta do Brasil pela Organização dos Estados Ibero-Americanos e palco de uma chacina em 2017, que deixou nove trabalhadores rurais mortos[10].

Mesmo nas questões ditas objetivas, ou seja, ligadas às informações convencionais, caso de fontes oficiais, a presença do narrador midiatizado pode ser facilmente percebida:

> Questionada a respeito do caso, a Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso encaminhou a reportagem para a Polícia Judiciária Civil do estado, que não respondeu aos insistentes contatos. Procurado pela **Repórter Brasil**, o promotor de Colniza, Aldo Kawamura, afirmou

[10] Disponível em: [https://reporterbrasil.org.br/covamedida/historia/colniza-mt/]. Acesso em: 18 de maio de 2023.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

> apenas que o inquérito se encontra em fase final de investigação, sem fornecer mais informações.

Mais do que narrar o que aconteceu, ele se coloca na cena, e explica, suas próprias operações; ou seja, afirma que "encaminhou a reportagem", que houve "insistentes contatos", que procurou a promotoria do município em que os eventos se realizaram etc. Por quê? Para estabelecer vínculos, como pontuou, em outro momento e circunstância, Fausto Neto (2006), e, com isso, fortalecer sua própria identidade por meio da produção de diferenças, sobre o que discorreremos nas considerações interpretativas.

4 Considerações interpretativas

Partimos do princípio, nesta reflexão, que as narrativas de subjetividade, uma vez transformadas em fenômenos midiáticos, estabelecem as condições para que relatos desta natureza sejam atingidos pela processualidade da midiatização, midiatizando-se. Ser uma narrativa de subjetividade midiatizada significa existir relacionalmente com um dispositivo tecnológico (um livro, um jornal, um filme, um arquivo em áudio), condição necessária para que tenha autonomia e persistência, gerando, nesta cadeia de semioses, o que Verón (2013) chama de historicidade. Ou seja, capacidade tanto de transformar como de ser transformada nesta simbiose. Emerge, dessa forma, uma categoria conceitual que estamos chamando de narrativas de subjetividade midiatizadas, cuja face mais visível é a existência, nelas, no plano tipológico, do narrador midiatizado, a um tempo multifacetado e plurivocal, se comparado com os narradores moderno e pós-moderno, que lhe antecederam.

Quanto à sua face topológica, ou seja, o lugar em que o narrador midiatizado ocupa na discursividade midiática, observamos que se situa, de um lado, no âmbito do dispositivo (site) e do sistema (midiático-comunicacional) em que se insere. Dito de outra forma, o narrador midiatizado é tanto os 1º, 2º e 3º narradores, mas, também, um 4º narrador, este de ordem sistêmica e afeito, portanto, antes a uma processualidade que

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

um lugar situacional. Isso ocorre porque seu lugar espacial é um site; e o lugar deste, uma rede, caso da Internet. Por isso podemos afirmar, metaforicamente, e pensado pelo viés da mecânica quântica, que o narrador midiatizado é, ao mesmo tempo, partícula (dispositivo) e onda (sistema), nos moldes de Louis de Broglie[11].

É o que procuramos demonstrar quando analisamos, ainda que rapidamente, decorrência de constrangimentos espaciais, três grandes reportagens especiais multimidia: "Sozinhas", sobre a violência contra mulheres rurais no interior de Santa Catarina; "Sem gás", que discorre em torno das mazelas de quem não tem dinheiro para comprar gás de cozinha na periferia de São Paulo; e, finalmente, "Cova Medida", que denuncia, em essência, assassinatos de trabalhadores rurais em estados brasileiros como Maranhão, Mato Grosso e Pará.

Tratam-se, as referidas reportagens, de narrativas de subjetividade midiatizadas porque chegamos a elas por meio de narradores midiatizados, de um lado, enquanto que, de outro, assentam-se sobre valores ditos de "subjetividade", como alteridade, ativismo, novos valores-notícia e critérios de noticiabilidade, entre outros. Ainda que a URL sugira a existência de um lugar situacional, pensando-se em termos de rede, estar neste ambiente nos permite pensar que as referidas narrativas se vejam especialmente propensas a atravessamentos e interposições provocados pela existência de circuitos múltiplos na discursividade midiática; compreender o que isso significa é o desafio que temos pela frente.

[11] Foi o físico Louis De Broglie, ainda em 1923, o primeiro a sugerir que as partículas não eram apenas partículas, mas, também, ondas. Esse fenômeno ficou conhecido como "Hipótese de De Broglie". Dito de outra forma, a hipótese defende que partículas atômicas e subatômicas, em determinadas condições, possuem efeitos ondulatórios. A hipótese foi confirmada em 1928, por Davisson-Germer. Fonte: [https://brasilescola.uol.com.br/fisica/a-natureza-dual-luz.htm].

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Referências

BENJAMIN. Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre a literatura e história da cultura. **Obras escolhidas I.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRUM, Eliane. **O olho da rua:** uma repórter em busca da literatura na vida real. São Paulo: Globo, 2008.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê.** Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

GENETTE, Gerárd. **Figuras III.** Barcelona: Lumen, 1988.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

LEAL, Bruno Souza. **Introdução às narrativas jornalísticas.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2022.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate:** subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Editora Arquipélago, 2022.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy:** transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Editora Arquipélago, 2015.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa.** Brasília (DF), Editora da Universidade de Brasília, 2013.

NETO, Antônio Fausto. Mutações do discurso jornalístico: da 'construção da realidade' à 'realidade em construção'. In: FELIPI, Angela; PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. (org.) **Edição em jornalismo:** ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. (2013). **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais.** *Barbarói*, (38), 45-59. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i38.2471>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia Kastrup; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos.** Portugal, Coimbra: Almedina, 2018.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de teoria da narrativa.** São Paulo: Editora Ática, 1988.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SOSTER, Demétrio de Azeredo et al. A emergência das Zonas Intermediárias de Circulação (ZICs) em uma perspectiva sistêmico-discursiva. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 3, set. 2019-a. ISSN 2675-4169. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/881>. Acesso em: 1 de outubro de 2022-a.

SOSTER, Demétrio de Azeredo et al. Os circuitos múltiplos e as Zonas Intermediárias de Circulação. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 2, set. 2019-b. ISSN 2675-4169. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/1001>. Acesso em: 1 de outubro de 2022-b.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. As narrativas de bicicleta como fenômeno midiático e a emergência do narrador midiatizado. In PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Narrativas Midiáticas Contemporâneas:** Sujeitos, Corpos e Lugares. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2019.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. QUESTÕES **A circulação como instância reconfiguradora do jornalismo midiatizado** TRANSVERSAIS - REVISTA DE EPISTEMOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO, v. 6, p. 113-120, 2018.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O quarto narrador, a midiatização e as narrativas da violência**. Revista Intercom. On-line. In São Paulo, v.40, n.1, p. 41-58, jan/abr. 2017.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador.** Signo (UNISC. Online), v. 1, p. 154-161, 2016.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **A reconfiguração das vozes narrativas no jornalismo midiatizado.** Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, p. 23, julho, 2015-a.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: Ana Carolina Rocha Pessôa Temer; Marli dos Santos. (Org.). **Fronteiras híbridas do jornalismo**. 1ed. Curitiba: Appris, 2015-b, v. 3, p. 161-176.